Fotos Acervo familiar

Candeia segura a capa de 'Samba de Roda', um de seus álbuns mais populares, no qual mostra sua verve privilegiada para o partido alto

Ativista das raízes do samba e da cultura negra

Por **Affonso Nunes**

Antônio Candeia Filho completaria 90 anos no último domingo. Sua ausência física não ofusca o brilho que sua obra continua projetando sobre o universo do samba. Quando criança, ele lamentava que suas festas de aniversário não tinham crianças. Seu pai, um flautista amigo de Paulo da Portela, Alvaiade, Manacéa, Argemiro e outros bambas portelenses aproveitava o 17 de agosto para chamar a turma adulta para um longo pagode temperado a feijão e cachaça. Ouviu e absorveu tanto esses presentes que, aos 17 anos compôs "Seis Datas Magnas", samba-enredo que conquistou nota máxima inédita para a Portela em 1953.

Mas viver de samba? Quem conseguia? Jovem e forte, ingressou na Polícia Civil nos anos seguintes. Era durão. Prendia prostitutas e supostos malandros sem hesitar. "Ele queria ser bom em tudo. Se era policial, tinha que prender. Mais novo, como não tinha habilidade para jogar bola, foi ser centroavante rompedor. Fazia gol de ombro, do jeito que desse", contou o amigo e biógrafo João Baptista Vargens, autor de "Candeia - Luz da Inspiração" ao jornal Folha de São Paulo em 2005.

Essa combinação lhe custou caro. Na manhã de 13 de dezembro de 1965, ao retornar de uma noitada no Centro, Candeia envolveu-se em uma discussão de trânsito. Em um surto, atirou nos pneus do caminhão que colidira com seu carro. A retaliação veio em forma de cinco disparos do motorista do caminhão. Um deles, fatalmente, atingiu sua medula espinhal, deixando-o paraplégico.

Segundo Selma Candeia, filha do sambista, sua reação inicial ao acidente era o desalento. "Mas os amigos e parceiros não deixaram ele na mão. Iam pra casa dele, organizavam rodas de samba. Até aquele momento eu e meu irmão não tínhamos a compreensão do que ele significava para o samba e para música brasileira", recorda.

O que poderia ter apagado seu brilho foi, na verdade, o seu ponto de virada, inaugurando a fase mais criativa e engajada de sua obra. A cadeira de rodas tornou-se o trono de onde ele reinaria soberano sobre o partido-alto e o samba de raiz, como ele próprio poetizou na emblemática "De Qualquer Maneira": "Mesmo assim, eu sou feliz / Do meu trono eu vejo tudo / E de tudo eu participo".

Em conversa com este repórter em 2018, Monarco - contemporâneo de Candeia - contou ter convidado o amigo, em fins dos anos 1960, para ingressar na recém-criada Velha Guarda da Portela. "E eu lá sou velho para entrar em Velha Guarda", reagiu Candeia. Monarco ingressaria no grupo na condição de seu mais jovem integrante e por lá ficou até morrer, em 2021.

Ainda que não se achassse velho, Candeia era sim um guardião das melhores tradições do samba. Seu primeiro álbum solo, "Candeia" (1970), marcou o início de uma discografia que serviria de farol para as gerações futuras. "Raiz" (1971) trazia uma autoralidade quase griô, com composições que remetiam à ancestralidade afro-brasileira. Em "Samba de Roda" (1975), mostrou todo seu domínio nos improvisos do partido-alto. Em "Luz da Inspiração" (1977), o inquieto artista aprofundou sua investigação sobre a identidade negra no Brasil pós-abolição. Seu último trabalho, "Axé - Gente Amiga do Samba", finalizado pouco antes de sua morte em 1978, é considerado um dos discos mais importantes da história do gênero, uma síntese perfeita da filosofia musical e política do artista.

"Dizem muito que a obra do Candeia foi se mofificando a partir do acidente, mas eu acho que isso era o amadurecimento das coisas que ele escrevia. Ele modernizou o que era tradicional e foi o primeiro artista a falar de políticas afirmativas em música, isso na década de 1970, antes de qualquer outro",